

GEOGRAFIAS DA COMUNICAÇÃO: PROMOVENDO O ESPRAIAMENTO ARTÍSTICO-CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA

Geographies of communication: promoting the artistic-scientific spreadings of geography

Geografías de la comunicación: promoviendo la difusión artístico-científica de la geografía

Francyjonison Custodio do Nascimento – jonisoncustodio@hotmail.com
Doutor em Geografia UFRN / Professor da SEEC/RN
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9078-8097>

Resumo

A construção da ciência geográfica acontece por reciprocidade, por contatos interdisciplinares. Nesse processo, as artes fizeram parte dos diálogos com a Geografia e esse movimento se intensificou no século XX. É partir disso que surge o conceito de espraioamento artístico-científico, o avanço mútuo entre Geografia e arte. Partindo desses pressupostos, este artigo busca promover uma discussão sobre como estudar as Geografias das comunicações, a relação entre espaço e mídia, é um modo de efetivar os espraioamentos artístico-científicos. Para tanto, produziu-se uma revisão bibliográfica e uma construção teórica. Constatou-se que, num contexto de proliferação da cultura imagética e da cultura da convergência, desenvolver pesquisas sobre a mídia artística com auxílio dos estudos da paisagem é uma via potente das Geografias das comunicações no diálogo Geografia-Arte no tempo contemporâneo.

Palavras-chave: Geografias da comunicação, Arte, Epistemologia.

Abstract

The construction of geographical science occurs through reciprocity, through interdisciplinary contacts. In this process, the arts were part of the dialogues with Geography and this movement intensified in the 20th century. It is from this that the concept of artistic-scientific spreadings emerges, the mutual advancement between Geography and art. Based on these assumptions, this article seeks to promote a discussion on how to study the Geographies of Communications, the relationship between space and media, it is a way of making artistic-scientific spreadings effective. To this end, a bibliographic review and a theoretical construction were produced. It was found that, in a context of proliferation of image culture and convergence culture, developing research on artistic media with the help of landscape studies is a powerful way for Geographies of Communications in the Geography-Art dialogue in contemporary times.

Key words: Geographies of communication, Art, Epistemology.

Resumen

La construcción de la ciencia geográfica ocurre a través de la reciprocidad, a través de contactos interdisciplinarios. En este proceso, las artes fueron parte de los diálogos con la Geografía y este movimiento se intensificó en el siglo XX. Es de aquí que surge el concepto de difusión artístico-científica, el avance mutuo entre Geografía y arte. A partir de estos supuestos, este artículo busca promover una discusión sobre cómo estudiar las Geografías de las comunicaciones, la relación entre espacio y medios, es una forma de efectuar expansiones artístico-científicas. Para ello se realizó una revisión bibliográfica y construcción teórica. Se constató que, en un contexto de proliferación de la cultura de la imagen y de la cultura de la convergencia, desarrollar investigaciones sobre medios artísticos con la ayuda de estudios de paisaje es un camino poderoso para las Geografías de las comunicaciones en el diálogo Geografía-Arte en la época contemporánea.

Palavras-chave: Geografias de la comunicación, Arte, Epistemología.

Recebido em: 07/12/2024

Aceito: 12/10/2024

Publicado: 16/10/2024

Introdução

A ciência geográfica é permeada de diálogos. Sua composição e seu desenvolvimento são marcados pelo entrelaçamento de áreas diversas e por trocas com autores de diferentes campos do conhecimento (SAUER, 2000). Tendo essa vocação ao diálogo e a uma visão multidimensional da realidade, a ciência geográfica sempre buscou diálogos com as expressões artísticas; ela, desde os seus primórdios, é uma disciplina atravessada pela estética (HAWKINS; STRAUGHAN, 2015).

Entretanto, a partir segunda metade do século XX, motivada pela sua reconfiguração crítica ao neopositivismo vigente no conhecimento geográfico sistematizado da época, a Geografia promoveu este diálogo de maneira mais profunda e com mais intencionalidade. A bem da verdade, o referido processo de reconfiguração incentivou o diálogo com inúmeras outras áreas do saber (CLAVAL, 2014). Entretanto, as linguagens artísticas tiveram um papel fulcral nesse movimento, o que proporcionou uma mudança na relação com elas, já que passaram a ser perspectivadas como fontes para a compreensão dos fenômenos geográficos e portadoras de significações espaciais (BESSE, 2014; HAWKINS, 2020).

Diante disso, urge optar por caminhos que promovem diálogos entre Geografia e linguagens artísticas. É necessário, então, abraçar os chamados espraiaamentos artístico-científicos (NASCIMENTO, 2022). Isto porque é fundamental buscar por um saber de caráter aberto, por um movimento de cunho dialógico, que sempre proporcionou avanços à Geografia. Com efeito, a história do pensamento geográfico está fundamentada no diálogo, na convergência de saberes e de pesquisadores dos mais diversos campos do conhecimento. Numa palavra, reciprocidade (BONNEMAISON, 2002). Assim, utilizando autores da Geografia clássica bem como autores contemporâneos dos campos das Humanidades e da própria Geografia, é possível propor e promover o espraioamento artístico-científico, num avanço da Geografia em direção a arte e desta, rumo àquela (NASCIMENTO, 2022).

Do mesmo modo, é pertinente se enveredar pela inquietude do fluxo criativo na composição e interpretação do espaço geográfico na contemporaneidade. Tal postura significa apostar na articulação, no diálogo,

visto que, na atualidade, há um enfático estímulo para o fim dos limites rígidos das fronteiras disciplinares, dentro da própria ciência e também com as artes. Isso propicia uma compreensão de Geografia “mais próxima” da realidade, posto que pensa um mundo multifacetado – composto de sentimento estético, racionalidades diversas, imaginação e subjetividade (HAWKINS, 2020).

Um dos modos de promover esse movimento de espraiamentos artístico-científicos é estudar as Geografias das comunicações. De fato, os diálogos entre a Geografia, a cultura visual e as novas mídias há muito consideram objetos estéticos (filmes, séries, obras de arte, etc.) como pontos de entrada empíricos comuns na compreensão do mundo hodierno. As Geografias das comunicações são uma área diversa e, entre outras coisas, se propõe investigar a espacialidade das diversas mídias (SOUZA, 2016). Elas são mais um dos exemplos de campos interdisciplinares que, por acessar e promover múltiplas ideias, vem ganhando cada vez mais fôlego e potência nas ciências humanas, posto que auxilia a pensar questões complexas da referida área do conhecimento (JANSSON; FALKHEIMER, 2006).

Incentivar esse diálogo é fundamental, posto que uma realidade multidimensional e complexa exige uma leitura interdisciplinar do mundo. Com efeito, a heterogeneidade epistêmica e metodológica é uma marca das Geografias da comunicação (ADAMS, 2010). Além disso, como aponta Lopes (2013), mesmo sendo um conhecimento dialógico, ainda há uma certa prominência da área de comunicação, o que demanda uma maior interação conceitual entre os estudos da mídia e a ciência geográfica bem como uma busca mais acurada dos geógrafos por essa temática. E é se debruçando sobre essas lacunas que as Geografias da comunicação podem se desenvolver (ADAMS, 2017).

Este artigo, portanto, objetiva promover uma discussão a respeito das Geografias das comunicações no seio da ciência geográfica, propondo que a referida área dialogue com os contatos geográficos com as artes. Com efeito, as mídias e as linguagens artísticas de cunho visual têm muito em comum e pensar como essas áreas dialogam é de importância vital para o estabelecimento de uma agenda de pesquisa e para a efervescência epistemológica da própria Geografia. Para alcançar esse objetivo, o artigo, em tom ensaístico, realiza uma revisão

bibliográfica acompanhada de uma construção teórica que entrelaça os campos do saber já mencionados.

Espraiar Arte e Geografia

Em todas as áreas da vida e sobretudo no mundo científico, aponta Stengers (2017), algumas pessoas adoram dividir e classificar, enquanto outras fazem o esforço de construir pontes. Estas últimas tecem relações que transformam uma divisão em um contraste ativo, com poder de afetar e de produzir pensamentos. Esse é o nosso desejo: unir, fazer dialogar, espraiar.

Como já se apresentou, é preciso fazer dialogar os campos da arte e da ciência geográfica. Optar por aquilo que Didi-Huberman (2018) chama de conjunção epistêmica-estética, da união ideia-imagem, arte-saber. O movimento dos espraiamentos artístico-científicos dialoga com o regime científico-estético do conhecimento espacial de Volvey (2014). Contudo, se distancia dele ao advogar por não promover uma hibridização *absoluta*, o que poderia promover uma relativização extrema de cada campo do saber, posto que elas “perderiam” suas essências, suas configurações próprias.

A proposta de pensar por espraiamento, ao contrário, incita uma expansão dos campos do saber, um espraiar do campo da Geografia em direção à arte e um outro da arte em direção ao campo geográfico – um *corpus* interdisciplinar por natureza. Assim, é um movimento permeado por espraiamentos múltiplos: espraiamento do campo científico-geográfico em direção ao terreno artístico e, deste, em direção ao primeiro (NASCIMENTO, 2022).

Assim, não há uma proeminência da Geografia sobre o campo artístico. A palavra de ordem é mutualidade, interdependência. A ideia de espraiamento, então, é influenciada pela noção de reciprocidade, sobre a qual discorreu Bonnemaïson (2002). Na concepção do geógrafo francês, durante o processo de desenvolvimento do conhecimento geográfico, os geógrafos bebiam de concepções, métodos e conceitos de outras áreas do saber bem como o espaço, objeto da preocupação da Geografia, é apropriado e reimaginado por essas mesmas áreas.

Trata-se, então, de pensar o mundo de forma distinta a Geografia que Dardel (2015) chamou de moderna, altamente cientificista e, justamente por isso,

contra todas as práticas e noções imaginativas no seio da ciência geográfica (HAWKINS, 2013). É a negação do inverno de um iluminismo meramente racionalizante da ciência, já condenada com Ratzel (2010), ainda no início do século XX, no seio da Geografia.

Há, assim, uma clara recusa de uma postura científica que Buttimer (1982), dialogando com a sabedoria judaica, chamou de babélica: um edifício de conhecimento que, diante de uma utopia racional, privilegia algumas ciências e negligencia outras. Nessa postura, explica a autora, devido a hierarquização dos saberes, é impossível olhar para os lados nem para os “outros andares” do edifício científico, a fim de procurar diálogos. A ciência, concebida como uma Babel, segrega e confunde uma compreensão acurada do mundo. Nela, a hierarquização dos saberes e dissociação completa deles são as duas faces da mesma moeda – não apenas separando os saberes, mas os ordenando numa espécie de gradação e impedindo-os de promover diálogos.

O movimento de espraiamentos artístico-científicos da Geografia, se opondo a esta compreensão babélica, reconhece que é uma ciência na qual as multivocalidades estéticas são centrais para seu desenvolvimento epistemológico (HAWKINS; STRAUGHAN, 2015). Efetivamente, conforme aponta Sauer (2000), a ciência geográfica está longe do saber especializado. A propósito, seria inapropriado dizer o contrário. Na realidade, beber de muitas perspectivas é uma postura que se impõe no trabalho geográfico. Qualquer fonte que contribua com a compreensão do espaço geográfico deve ser convidada ao diálogo. O geógrafo americano, ainda, argumenta como a avaliação estética conduz à especulação filosófica e a construção do saber.

Na realidade, são inúmeros os trabalhos que advogam pela necessidade do diálogo aberto entre ciência e arte, como apontam Gomes (2010) e Claval (2014). O trabalho de Friedrich Ratzel, erroneamente apresentado como um determinista, é um exemplo deles. Em seu artigo intitulado Sobre a interpretação da Natureza (*Über Naturschilderung* no original), Ratzel (2010) clama pela convergência da arte – ou melhor, da sensibilidade – com a ciência. No lugar de uma via meramente racionalizante, o autor alemão advoga que os poetas e os artistas sejam convocados para pensar o que chamou de natureza. Com efeito, o geógrafo alemão apresenta, com exemplos vigorosos, ideias pertinentes a relação

Geografia-Arte. Não à toa, defende Ratzel (2010), há expressão artística na cartografia alegre, colorida como pinturas, repleta de aquarelas da ciência bem como as descobertas morfológicas de Goethe, com auxílio de Humboldt, ocorreram através do anseio artístico de ambos. Assim, conclui o geógrafo alemão, a beleza e vivacidade da ciência advém do seu contato com o campo artístico.

Além de Ratzel, pode-se citar o exemplo de Picles (1986). Na sua compreensão, os geógrafos necessitam recordar o seu papel de “*intellectual middleman*” entre o campo artístico e o científico. Isto porque o autor compreende a atividade do geógrafo enquanto uma arte bem como por pensar que as diversas experiências de natureza artística devem ser interpretadas do ponto de vista geográfico.

Seguindo a mesma senda, Wright (2014) defende o argumento de que é nociva a recusa de alguns geógrafos de trabalharem com o campo artístico. Na sua compreensão, tal movimento acaba por reprimir os impulsos criativos e poéticos do fazer dos geógrafos bem como negligencia a construção de uma ciência mais condizente com a realidade da vida – e, portanto, mais viva e pujante. Dessa forma, o fazer geográfico, com uma abertura para os papéis da criatividade e da imaginação na criação e comunicação do seu conhecimento, tende a ganhar vitalidade, advoga Wright (2014). O geógrafo, então, é sempre convidado a ser dialógico, mobilizado entre os dois campos, realizando espraiamentos artístico-científicos (NASCIMENTO, 2022).

Como fazer para realizar os espraiamentos artístico-científicos? Que caminhos seguir para efetivá-los? Antes de tudo, é preciso compreender com agudez que, mesmo a Geografia esteja em todos os lugares (COSGROVE, 2012), ela está de maneiras diferentes. Com efeito, o entrelaçamento Geografia-Arte tem muitas expressões válidas e potentes e não se resumem a uma perspectiva apenas (ESHUN; MADGE, 2016).

Ajuda a pensar nesse movimento salientar que artes não são meros instrumentos de apoio para o estudo e o conhecimento geográfico (HOLZER, 2020). Essa compreensão interdita o encontro de afinidades, de espaços em comum entre a Geografia e as manifestações artísticas, o que acaba por promover uma postura fragmentária de se confinar num só campo (DOZENA, 2020). E

como tal, não pode ser aceita. Afinal, como dito, não há proeminência geográfica nos espraiaamentos artístico-científicos. Desse modo, uma postura que pense a relação com as artes simplesmente como uma máquina de separar os fatos da ficção está destinada ao fracasso.

De fato, nas propostas de espraiaamentos artístico-científicos, a ciência geográfica não é convidada a exercer uma egolatria, uma espécie de “assenhoramento” do campo artístico por parte dos geógrafos. Opta-se, pois, por uma postura mais fluída, que faça dialogar concretamente, sem que um campo do conhecimento tenha o ímpeto de se sobrepor ao outro (NASCIMENTO, 2022).

Para que isso ocorra, é preciso, então, optar por epistemologias alternativas e de cunho interdisciplinar para pensar, de forma acurada, a interrelação Geografia-Arte (HOLZER,2020). Não obstante, a riqueza epistemológica da ciência geográfica, a Geografia cultural humanista sempre ocupou um espaço pertinente nas interrelações com a Arte. Sobre isso, Azevedo (2007) comenta que essa abordagem, desde o seu surgimento, possui um interesse genuíno nas narrativas e nos diversos modos de “contar histórias” presentes nas linguagens artísticas. Isto porque, explica a geógrafa portuguesa, essa relação é um dos meios eficazes de se enveredar por fontes de experiências espaciais, o que permite explorar os distintos modos de perceber o mundo bem como diluir teorizações abstratas do espaço geográfico como um ente meramente objetivo (AZEVEDO, 2007). Ela pode continuar contribuindo para essas relações, mas, devido a sua própria natureza interdisciplinar e as inovações do tempo presente, outras abordagens podem e devem auxiliar nas discussões a respeito dos espraiaamentos artístico-científicos.

Pensamos que as Geografias das comunicações podem ser uma dessas abordagens. Com efeito, as linguagens artísticas de cunho audiovisuais e suas mídias variadas já são parte da relação Geografia e arte há décadas, com inúmeras perspectivas de trabalho (COSTA, 2005; LUKINBEAL, 2005; FERRAZ, 2012; OLIVEIRA JR, 2021; SOMMERLAD, 2022).

Esse movimento ganha particularidades específicas quando falamos do universo midiático, sobretudo nos tempos atuais, marcados pela visibilidade e pelas conexões, em um contexto de proliferação e do domínio da cultura

imagética – um enxame de imagens digitais (BAITELLO JR, 2014; HAN, 2018). É sobre estas potencialidades que iremos nos debruçar.

GEOGRAFIAS DAS COMUNICAÇÕES

Antes de refletir como as Geografia da comunicação podem contribuir na relação da ciência geográfica com as linguagens artísticas de cunho visual, é preciso elucidar sua conceitualização. Com Jansson e Falkheimer (2006), sabe-se que as Geografias da comunicação dão ênfase às possíveis articulações entre as diversas teorias espaciais e estudos da mídia; e esse aspecto é fundamental na discussão que aqui se trava. Com efeito, é próprio dessa abordagem ser e produzir conhecimento de contatos, de fronteiras. Na compreensão dos autores, aliás, as Geografia da comunicação são um novo meio para “borrar” fronteiras entre ambientes distintos. É parte do anseio delas promover espraiamentos, diálogos entre os campos do conhecimento, a saber: mídia e Geografia.

Para os autores, esse movimento caracteriza mais uma virada espacial, mas dessa vez nos estudos da Comunicação (JANSSON; FALKHEIMER, 2006). Nele, as Geografias das comunicações se dedicam, entre outras coisas, a estudar as espacialidades das diferentes mídias atuais (SOUZA, 2017). Chamada por Jansson e Falkheimer (2006) de “Virada Espacial nos Estudos da Comunicação” e próxima da “virada cultural” da Geografia, essa postura dialogante possui muitas abordagens interessantes, sempre partindo do princípio de que a comunicação produz espacialidade e a espacialidade produz comunicação. Efetivamente, argumenta Adams (2017), as pessoas estão vinculadas no espaço e tempo por atos de comunicação; e estes simultaneamente criam espaços e tempos.

Outro ponto pertinente, evidenciado por Moreira (2019), é que o caráter geográfico, na comunicação, é sempre plural, multifacetado. Daí ser Geografias da comunicação e não Geografia apenas. Se recusa a utilização do singular porque abrangem lugares e espaços da comunicação assim como geram uma “cartografia” ampla de teorias, com objetos e exercícios teórico-metodológicos pertinentes a ambos os campos e delineando um terceiro. De fato, para muitos teóricos das Geografias da comunicação, a união entre Geografia e estudos da mídia desemboca num campo semiautônomo dentro do terreno mais amplo dos estudos culturais (JANSSON; FALKHEIMER, 2006).

De acordo Adams e Janssen (2012), uma série de condições do mundo atual ajudaram a promover a interseção entre Geografia e mídia audiovisual, produzindo as Geografias da comunicação, a saber: a convergência tecnológica, o fato da mobilidade hoje ser cada vez mais midiaticizada, a interatividade própria das mídias audiovisuais e as novas interfaces de comunicação. Junta-se a isso, pontuam os autores, a preocupação com um conjunto de questões que envolvem as representações e as conexões do mundo de hoje. A busca por integrar essas preocupações em meio ao contexto atual, argumentam os pesquisadores, produziria um campo vasto de pesquisa, manifestado por meio de colaborações entre geógrafos e teóricos da mídia e, portanto, necessariamente, uma ponte interdisciplinar (ADAMS; JANSSON, 2012).

É importante destacar, com Moreira (2019), que essa espécie de ponte, isto é, a coexistência entre dois campos de saberes (a Geografia e a comunicação), implica no reconhecimento de que ambas possuem dois objetos convergentes em vários sentidos. Tal aspecto faz lembrar a noção de espraiamento artístico-científico e sua recusa em hibridizar totalmente a ciência geográfica e outras áreas do saber. Afinal, pontua a autora, cada campo do saber possui suas particularidades, mas estas são conexas, o que facilita a efetivação de abordagem interdisciplinar e proporciona a construção dos recursos investigativos do campo emergente de pesquisa que são as Geografias da comunicação.

Com efeito, atualmente, os saberes e os elementos geográficos estão mais visíveis na produção científica da comunicação e os elementos comunicacionais ganham lugares na ciência geográfica. Contudo, nem sempre foi assim e esse diálogo é fruto do trabalho de diversos autores, sejam estrangeiros ou brasileiros, que abriram espaço para a Geografia em pesquisas da comunicação e vice-versa (LOPES, 2013). Todo esse movimento propiciou, por exemplo, o desenvolvimento de pesquisas sobre espaços culturais urbanos, colonialismo midiático, circulação de produção midiática e cartografias da informação e do ciberespaço bem como a utilização de conceitos como cibergeografias, cidades midiáticas globais, espacialidades da comunicação, imprensa de colônias, mídia locativa, territórios da publicidade, entre outros (MOREIRA, 2019).

É nessa concepção, pontua Adams (2017), que o trabalho das Geografias da comunicação também exige maior atenção às artes e às humanidades. Na sua

compreensão, há cinco modos de entrada nessa articulação, a saber: a) a maneira como as comunicações reorganizam relacionamentos habituais entre pessoas, lugares, natureza e o mundo; b) a corporificação, em formas variadas, incluindo movimentos corporais, sensações musculares e táteis e percepção multissensorial e sinestésica; c) como as obras de arte e performances podem propor e ser intervenções na sociedade; d) como a arte pode gerar autorreflexão, por parte do pesquisador e/ou artista, e promover consciência de pertencimento ou estranhamento em relação ao mundo; e) encorajamento dos sujeitos a transcender as maneiras pelas quais eles atualmente se definem.

É no primeiro modo, apesar da potencialidade que reside nos demais modos, que repousa nossa atenção. Efetivamente, apresentar e explicar/interpretar o modo como os seres humanos vivem no espaço é próprio do fazer geográfico. Narrar a experiência humana sobre/com a Terra, se utilizando dos mais diversos modos de comunicação, é o princípio central da Geografia (CLAVAL, 2014). De fato, os geógrafos e outros pesquisadores preocupados com as questões espaciais se utilizam de várias ferramentas comunicacionais – cartas, croquis, mapas, fotografias, imagens de satélites e filmes – para tornar viva e potente a descrição e, sobretudo, a explicação/interpretação do mundo (NASCIMENTO, 2022).

De acordo com Adams (2017), apesar dos pertinentes usos dos conceitos de lugar e de espaço como as noções de lugares-na-mídia e espaços-na-mídia, algumas das contribuições mais robustas para o estudo geográfico de mídia e da comunicação têm sido em áreas de estudos de paisagens. Desde a chamada Nova Geografia Cultural, que desafiou as leituras sauerianas da paisagem e enfatizou aspectos simbólicos, passou-se pensar a paisagem por meio de metáforas de comunicação de maneira mais dinâmica, sensível às operações de poder e permeada por discursos contestatórios. Esse movimento, aponta o autor, foi construído de maneira dialógica, multidimensional, com incorporações da História da arte, dos estudos culturais e da Antropologia social. O fato é que as interpretações das paisagens são um modo pertinente de unir estudos da mídia e Geografia.

Nogué (2011), apesar do enfoque mais humanista, pensa do mesmo modo e, chamando atenção para a negligência da Geografia em relação ao seu enorme

potencial comunicativo, pontua que a teoria da comunicação já tem isso muito claro. Daí a pertinência de propor estudos de interpretação geográfica das paisagens presentes nas mídias e nas linguagens artísticas de cunho audiovisual. Afinal, por meio das paisagens, a mídia artística pode falar conosco e através de nós (ADAMS, 2017).

Com efeito, os filmes, as séries e suas paisagens diegéticas se colocam como novas e instigantes oportunidades de interpretar as dimensões espaciais nos produtos audiovisuais, como filmes e séries (MOREIRA, 2019). A paisagem, de fato, é utilizada continuamente nos processos comunicativos do mundo contemporâneo em praticamente todas as suas formas e variantes; é um contrassenso não investigar tais processos.

Para efetivar essa proposta, Nogué (2011) sugere que a ciência geográfica pode contribuir para a teoria da comunicação com o seu rico legado de reflexão sobre o conceito de paisagem e, por seu turno, a teoria da comunicação poderia emprestar à Geografia conceitos e instrumentos analíticos muito valiosos para compreender melhor a dimensão comunicativa da paisagem, sobretudo a partir de uma abordagem interpretativa. Tal postura de reciprocidade, para lembrar Bonnemaison (2002), enriqueceria ambos os campos dos conhecimentos.

Neste caminho de reciprocidade, a paisagem, seja nas imagens turísticas, nas tecnologias digitais ou até mesmo nas séries, contribui na compreensão das relações espaciais e suas traduções e transformações ao inscreverem e reorganizarem, de modo dinâmico, significados relativos a configurações particulares do espaço geográfico (ADAMS, 2017). Tal contribuição é mais vigorosa quando se trata da paisagem em manifestações artísticas (BESSE, 2014).

Toda essa discussão ganha uma maior relevância no período atual, quando as narrativas transmídias ganham espaço no mundo comunicacional, fazendo circular saberes e significados geográficos em seus produtos (NASCIMENTO, 2023). Com efeito, seguir pelo caminho das narrativas transmidiáticas pode render muitos frutos, pois promove um exercício de espriar saberes ao alargar as fronteiras do conhecimento no contato com as Geografias das comunicações, ao investigar a cultura comunicacional e digital atual.

De fato, hodiernamente, é muito presente a dinâmica transmídia. É o movimento que Jenkins (2008) denomina cultura de convergência, na qual os

fluxos de conteúdos, dos mais variados tipos, dialogam por meio de suportes midiáticos diferentes, se desenvolvendo de modo cooperativo, em um movimento de integração entre novas e antigas mídias. Nesta convergência, os significados e sentidos são ressignificados num jogo de construção e (re)fabulação de personagens, situações e – preocupação maior dos geógrafos – lugares. Assim sendo, a convergência cultural indica um movimento de fronteiras borradas entre os “textos midiáticos”, sobretudo, filmes e séries (SOUZA, 2013).

A cultura da imagem contemporânea promove uma relação amalgâmica entre artefatos simbólicos e materiais. Do mesmo modo, as fronteiras entre espaços imaginários, simbólicos e materiais vem se tornando negociáveis e voláteis. E com as linguagens artísticas de cunho audiovisuais não é diferente. Elas também participam desse fluxo transmidiático e compreender seus espaços e suas paisagens também podem ajudar interpretá-las, como indicam Dalpiaz (2012), Nascimento (2023) e Queiroz Filho e Souza Júnior (2024). Neste intento, as Geografias das comunicações podem ser uma vereda vigorosa para investigar essas realidades que se impõem nos tempos hodiernos.

Considerações Finais

Quando os projetos disciplinares tradicionalmente separados da Geografia e da arte sobrepõem-se e convergem de maneiras interessantes, se constituindo naquilo que chamamos de espraiamentos artístico-científicos da Geografia, a realidade é interpretada mais acurada. Quando as manifestações artísticas ocorrem com a exploração do universo comunicacional, os espraiamentos artístico-científicos são convocados a realizar movimentos mais amplos e convidar os estudos da mídia para a reflexão da realidade. É nesse contexto que as Geografias da comunicação são uma maneira pujante de realizar estudos interdisciplinares com as manifestações artísticas contemporâneas.

Apesar do conceito de espaço ser a primazia nesse subcampo do saber, há uma grande potencialidade das interpretações das paisagens no universo das mídias e as artes. Os estudos da paisagem, efetivamente, podem ser fontes vigorosas de *insights* sobre Geografia, mídia e comunicação. O conceito de lugar, de igual maneira, encontra guarida nas Geografias da comunicação. E, como várias construções teóricas da Geografia já entrelaçam paisagem e lugar, realizar

o contato de ambos os conceitos nas Geografias da comunicação também se mostra uma via potente.

A Geografia não pode, como fez outrora, inviabilizar ou subteorizar as inovações do mundo comunicacional, sobretudo as manifestações artísticas de cunho audiovisual. Esse movimento não pode ficar às margens do *corpus* científico da Geografia. Com efeito, urge uma reconexão com as comunicações estéticas sustentadas por teorias e métodos tanto da Geografia como dos estudos da mídia e que também levem em consideração as construções comunicacionais atuais, como as narrativas transmídias.

Referências

ADAMS, P. A taxonomy for communication geography. **Progress in Human Geography**, v. 35, n. 1, p. 37-57, 2010.

_____. Geographies of Media and Communication II: Arcs of Communication. **Progress in Human Geography**, v.42, n.4, p.590-599, 2017.

ADAMS, P.; JANSSON, A. Communication Geography: a bridge between disciplines. **Communication Theory**, v. 22, n. 3, p. 299–318, 2012.

BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BUTTNER, A. Raison, rationalité et créativité humaine. **Travaux de l'Institut Géographique de Reims**, n°51-52, p.11-21, 1982.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia Cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

COSTA, M. H. B. V.. Geografia Cultural e Cinema: Práticas, Teorias e Métodos. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Geografia**: temas sobre Cultura e Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005, p. 43-78.

DALPIAZ, J. Da convivência à convergência das mídias: as representações do mundo na BBC Brasil. IN: MOREIRA, S. V. (Orgs). **Geografias da comunicação**: espaço de observação de mídia e de culturas. São Paulo: INTERCOM, 2012, p. 170-186.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DIDI-HUBERMAN, G. **Atlas ou o gaio saber inquieto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DOZENA, Alessandro. Horizontes Geográfico-Artísticos entre o Passado e o Futuro. **Geograficidade**, v. 10, p. 73-82, 2020.

ESHUN, G.; MADGE, C. Poetic world-writing in a pluriversal world: a provocation to the creative (re)turn in geography. **Social & Cultural Geography**. v.7, n. 3, p.1-9, 2016.

FERRAZ, Claudio Benito O. Imagem e geografia: considerações a partir da linguagem cinematográfica. **Espaço & Geografia**, Brasília, v.15, n. 2, p. 357-384, 2012.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAWKINS, H.. **For Creative Geographies**: Geography, Visual Arts and the Making of Worlds, New York: Routledge, 2013.

HAWKINS, H.. **Geography, Art, Research**: Artistic Resarch in the GeoHumanities. London: Routledge, 2020.

JENKINGS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LOPES, Sonia Aguiar. Geografias da comunicação contemporânea: um mapa teórico e empírico do campo. **Revista Contemporânea**, v. 11, p. 31-47, 2013.

LUKINBEAL, Chris. Cinematic landscapes. **Journal of Cultural Geography**, v. 23 n.1, p.3-22, 2005.

MARQUES DE MELO, José. Geografia das comunicações: aportes brasileiros ao pensamento crítico. In: Sonia Virgínia Moreira. (Org.). **Geografia das comunicações**: espaço de observação de mídia e de culturas. São Paulo: Intercom, 2012.

MOREIRA, S. V.. Da invisibilidade à visibilidade da geografia na comunicação: travessias de territórios em uma década. In: MOREIRA, S.V.; BALDESSAR, M.J.; OTA, D.C.; BRANDALISE, R.. (Org.). **O percurso do grupo de pesquisa Geografias da Comunicação no Brasil - 10 anos**. São Paulo: Intercom, 2019, v. 1, p. 11-23.

NASCIMENTO, F. C.. O filme como campo de aventura: os espraiaamentos artístico-científicos da Geografia. **Revista da Anpege**, v. 18, p. 165-182, 2022.

NASCIMENTO, F. C.. Sweet Tooth e as Geografias transmídias: imaginário e discursos espaciais. **Caderno Prudentino De Geografia**, v. 3, n. 45, 85-102, 2023.

NOGUÉ, Joan. Paisaje y comunicación: el resurgir de las geografías emocionales. IN: LUNA, T. y VALBERDE, I. (Dirs.). **Teoría y paisaje: reflexiones desde miradas interdisciplinarias**. Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2011, p. 27-41.

OLIVEIRA JR, W. M.. As alusões, os lugares e os espaços no filme Cidade de Deus: algumas geografias que o cinema cria. In: CASTROGIOVANNI, A.C.; TONINI, I.; KAERCHER, N.A.; COSTELLA, R.Z.. (Org.). **Movimentos para ensinar geografia: revoluções**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021, p. 61-79.

PICKLES, John. **Geography and humanism**. Norwich: Geo Books, 1986.

QUEIROZ FILHO, A. C. Q. ; SOUZA JÚNIOR, C. R. B. . **Jogos de videogame como obras de arte**. Vitória: Editora Rasuras, 2024.

RATZEL, Friedrich. Sobre a interpretação da natureza. **Geographia**, Niterói, v. 12, n^o 23, 2010.

SAUER, C. A Educação de um Geógrafo. **GEOgraphia**, v. 2. n. 4, p. 137-150, 2000.

SOMMERLAD, E. Cinematic city of cultural coexistence? Perspectives on intercultural encounters in New York. **GeoJournal**, v. 87, n. 1, p. 95-103, 2022.

SOUZA, Ana Carolina A.. Um olhar da Geografia da Comunicação sobre a Transmídia. In: **40^o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba. Comemorar e refletir: agir e transformar, 2017. p. 1-16.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. **Caderno de Leituras**, n. 62. p. 1-15. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.

VOLVEY, Anne. Entre l'art et la géographie, une question (d')esthétique. **Belgeo**, v. 3, p.1-25, 2014

WRIGHT, Jonh K.. *Terrae Incognitae*: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v.4, n.2, p. 4-18 2014.